

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**ADRIANA CRISTINA DE OLIVEIRA**

**CONSTRUTIVISMO: PRÁTICA PEDAGÓGICA**

**OU MODISMO?**

**CAMPINAS**

**2008**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**ADRIANA CRISTINA DE OLIVEIRA**

**CONSTRUTIVISMO: PRÁTICA PEDAGÓGICA**

**OU MODISMO?**

Memorial de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Pedagogia - Programa de Formação de Professores em Exercício da Faculdade Educação da Universidade Estadual de Campinas, como pré-requisito para a conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

**Campinas  
2008**

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

Oliveira, Adriana Cristina de.

OL4c      Construtivismo: Prática pedagógica ou modismo?: memorial de formação /  
Adriana Cristina de Oliveira. -- Campinas, SP :[s.n.], 2008.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual  
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de  
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1. Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.  
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de  
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

08-207-BFE

## **Agradecimentos**

**Dedico este memorial as pessoas, que de  
Uma forma ou de outra contribuíram para  
Sua concretização, e a todos aqueles que  
Ainda acreditam na educação deste país.**

**Adriana Cristina de Oliveira**

Primeiramente agradeço a “Deus” pela proteção durante nossas viagens, pela força física e emocional. Sempre serei grata a toda população que paga seus impostos e que me proporcionou a chance de estudar numa universidade pública e não ter que trancá-la, como já havia feito duas vezes anteriores, em instituições privadas.

Agradeço a mim por abrir mão de momentos e acontecimentos que nunca mais terei, e principalmente por “EU” não desistir do meu sonho.

Agradeço ao meu esposo e amigo Ademar pelo apoio, incentivo, pela injeção de ânimo e por pacientemente esperar a conclusão do meu curso. E por fazer o meu papel durante minhas horas de ausência.

Peço desculpas aos meus filhos Guilherme e Gabriella pelas lições que não pude fazer junto, pelos acontecimentos que não pude presenciar, pelas aulas de capoeira e futebol que não pude assistir, mas tenho certeza que sentiram orgulho de sua mãe. Assim como sinto de vocês por administrarem tão bem a minha ausência.

Agradeço aos meus pais, que foram meus maiores exemplos e que na sua luta me mostraram o quanto o estudo é importante para nós.

Agradeço a minha irmã e amiga Andréia, pelas trocas de experiências e pelas intermináveis conversas sobre “educação”.

Agradeço a prefeitura de minha cidade por firmar parceria com a Unicamp e pela oportunidade de estudar nessa universidade tão conceituada.

Agradeço a todas as APs que estiveram conosco e compartilharam todo os seus entendimentos, e que apesar de serem nossas APs sempre nos trataram e nos respeitaram como colegas de profissão.

E por fim agradeço a minha turma de Itatiba que tive o prazer de conhecer e fazer parte deste grupo onde pudemos ajudar umas à outra, pelas trocas de experiências, pelas risadas nas horas próprias e impróprias, e por todo apoio nessa trajetória de nossas vidas.

A vocês amigas: Amanda, Andréa Moretto, Andréia Botura, Alice e Adriana Vieira. Deixo esta mensagem.

**Pode ser que um dia deixemos de nos falar...  
Mas, enquanto houver amizade,  
Faremos as pazes de novo.**

**Pode ser que um dia o tempo passe...  
Mas, se a amizade permanecer,  
Um de outro se há de lembrar.**

**Pode ser que um dia nos afastemos...  
Mas, se formos amigos de verdade,  
A amizade nos reaproximará.**

**Pode ser que um dia não mais existamos...  
Mas, se ainda sobrar amizade,  
Nascemos de novo, um para o outro.**

**Pode ser que um dia tudo acabe...  
Mas, com a amizade construiremos tudo novamente,  
Cada vez de forma diferente.  
Sendo único e inesquecível cada momento  
Que juntos viveremos e nos lembraremos para sempre.**

**Há duas formas para viver a sua vida:  
Uma é acreditar que não existe milagre.  
A outra é acreditar que todas as coisas são um milagre.**

**Albert Einstein**

## Sumário

<b>I-Introdução.....</b>	<b>1</b>
Definição do Construtivismo	
<b>Minha história de vida.....</b>	<b>5</b>
<b>Algo me incomoda.....</b>	<b>12</b>
<b>II-O tempo de aprendizagem.....</b>	<b>18</b>
<b>III-O analfabetismo e analfabetismo funcional.....</b>	<b>22</b>
Analfabetismo funcional	
Níveis de alfabetização	
Os compromissos necessários para um Brasil alfabetizado	
<b>IV-Letramento.....</b>	<b>26</b>
O papel do educador no letramento	
<b>V-Construtivismo e Método Fônico.....</b>	<b>33</b>
Revolução conservadora	
Países e métodos utilizados	
<b>VI - Questões Políticas que desafiam as escolas.....</b>	<b>39</b>
O desafio de mudar	
Quando o ambiente de trabalho prejudica o desenvolvimento profissional do professor.	
A atividade do docente é solitária	
<b>VII-Considerações finais.....</b>	<b>46</b>
<b>VII - Referências Bibliográficas.....</b>	<b>49</b>

## Apresentação

Esta pesquisa tem como temática a prática construtivista, traz uma importante reflexão, sobre a trajetória desta prática, sua aplicação na educação, seus fracassos, todas as mudanças e a situação educacional em que se encontram a população Brasileira. Como é o olhar de todos nós educadores e de todo o sistema educacional, com a situação hoje vivida por nossas crianças.

Com base em algumas leituras do autor Fernando Capovilla, Magda Soares, Fernando Becker, José Dias Sobrinho, Almerindo Janela Afonso e outros importante autores pode-se perceber as dificuldades e adequação enfrentadas por crianças de baixa renda ao método construtivista e todas as suas conseqüências com relação ao analfabetismo funcional, o letramento e o fracasso escolar.

Nós educadores também estamos a todo o momento nos adequando a cada mudança, a cada reforma educacional, Segundo Max Weber, estamos predispostos a obedecer ordens políticas. Os problemas na educação são decorrentes de várias décadas, trocam-se as pedagogias e não ocorrem mudanças para melhor.

A escola não faz outra coisa, senão produzir a desigualdade entre as classes sociais.<sup>1</sup> Também, por isso, as reformas convertem se numa “espécie de estado permanente”.

A conclusão que chego é que, o fracasso escolar é resultado do método que está em uso atualmente, mas ainda não se tomou nenhuma providência. Não digo que o mesmo deva ser abandonado por completo, mas sim associado a outro método como o fônico, como já tem feito a maioria dos países que perceberam o não funcionamento do construtivismo.

Na educação nem tudo é fácil como parece aos olhos de quem está de fora. Por esse motivo escolhi esse poema, acho perfeito para o tema a qual irei abordar.

---

<sup>1</sup> Fernando Enguita, 1990, p.171

## Fácil e difícil

Falar é completamente fácil, quando se tem palavras em mente que se expresse sua opinião...

Difícil é expressar por gestos e atitudes, o que realmente queremos dizer.

Fácil é julgar pessoas que estão sendo expostas pelas circunstâncias...

Difícil é encontrar e refletir sobre os seus próprios erros.

Fácil é fazer companhia a alguém, dizer o que ela deseja ouvir...

Difícil é ser amigo para todas as horas e dizer a verdade quando for preciso.

Fácil é analisar a situação alheia e poder aconselhar sobre a mesma...

Difícil é vivenciar esta situação e saber o que fazer.

Fácil é demonstrar raiva e impaciência quando algo o deixa irritado...

Difícil é expressar o seu amor a alguém que realmente te conhece.

Fácil é viver sem ter que se preocupar com o amanhã...

Difícil é questionar e tentar melhorar suas atitudes impulsivas e às vezes impetuosas, a cada dia que passa.

Fácil é mentir aos quatro ventos o que tentamos camuflar...

Difícil é mentir para o nosso coração.

Fácil é ver o que queremos enxergar...

Difícil é saber que nos iludimos com o que achávamos ter visto.

Fácil é ditar regras e,

Difícil é segui-las...

*(\* Título original: Reverência ao destino (Carlos Drummond de Andrade).*

## Introdução

“Feliz aquele que transfere o que sabe e aprende o que ensina”.

**Cora Coralina**

**Definição do construtivismo**. O construtivismo é mudança de visão: não considera o conhecimento só pelo prisma do sujeito nem só pelo prisma do objeto, mas pela óptica da interação sujeito-objeto. Assim, ensaia-se definir o construtivismo como uma teoria do conhecimento que engloba numa só estrutura dois pólos, o sujeito histórico e o objeto cultural, com interação recíproca, ultrapassando dialeticamente e sem cessar as construções já acabadas para satisfazer as lacunas ou carências (necessidades).

Construtivismo tornou-se conhecido como uma nova linha pedagógica e vem fazendo parte da educação há pouco mais de uma década, a prática ainda requer tempo para amadurecimento e sistematização.

E como tudo exige mudanças na prática de ensino e aceitação de que é “normal” o aluno errar e que isso seja um salto para aprendizagem, o construtivismo enfatiza a importância do erro não como um tropeço, mas sim como um salto.

O construtivismo não aceita a rigidez nos procedimentos de ensino, pois é flexível, descarta as avaliações padronizadas e prontas às antigas cartilhas, a “decoreba” ou qualquer utilização de material que para o aluno seja estranho. O construtivismo procura desenvolver práticas pedagógicas para cada degrau de amadurecimento intelectual do aluno.

O construtivismo admite que cada aluno tenha o seu tempo de aprendizagem e é função da professora conhecê-lo, acompanhá-lo e fazer intervenções adequadas, quando preciso, não centrando apenas em um único aluno, pois o construtivismo valoriza as trocas de experiências entre os alunos.

A atenção individualizada não só depende da professora, o ideal seria ter uma sala de aula com menos alunos, mas como isso não é possível, devido aos fatores políticos educacionais e financeiros à solução é trabalhar em

duplas, trios ou grupos, agrupando as crianças com habilidades semelhantes ou opostas.

No construtivismo o professor deve aproveitar a habilidade de cada aluno para o fortalecimento do grupo, dessa maneira irá formar pessoas participativas, cooperativas com mais desembaraço na elaboração do próprio conhecimento.

Para ser uma professora construtivista é preciso ter a mente aberta para o novo, atitude investigativa, senso crítico, flexibilidade e sustentar uma relação com os alunos que não se baseia na autoridade e sim na qualidade.

As bases teóricas do construtivismo foram estruturadas, na primeira metade deste século com Piaget e o psicólogo Lev Vygotsky, as pontes para a prática pedagógica se consolidaram com Emilia Ferreiro a partir da década de 70, na década seguinte, ou seja, 80, o construtivismo disseminou na América Latina principalmente na Argentina e Brasil.

Construtivismo a que nos referimos como proposta pedagógica é colocada pelos seus idealizadores como um conjunto teórico amplo sobre a aquisição de conhecimentos, de um modo geral, e congrega as contribuições teóricas de Piaget e seus seguidores, dentre eles Emília Ferreiro, assim como as da vertente sócio-histórica cujo maior expoente é Vygotsky.

As diferenças mais cruciais entre as duas abordagens acima referidas: a ênfase no desenvolvimento psicológico como condição para a aprendizagem por Piaget (1978), ou na aprendizagem como fator de desenvolvimento por Vygotsky (1991), resultou em inúmeras discussões teóricas sobre a viabilidade da utilização de referenciais teóricos diferentes em aspectos tão relevantes para a questão pedagógica.

Alguns autores, dentre eles Coll (1996), Banks Leite (1991), Castorina (1995), Fontana e Cruz (1996), vêem esta possibilidade como fecunda, também, por fornecer elementos para a reflexão dos professores sobre suas práticas. Para outros é positiva por possibilitar uma alfabetização que valoriza a aquisição da língua escrita como representação da linguagem e não apenas como aquisição do código lingüístico, realizada através de atividades não significativas para os alunos.

Para alguns acadêmicos de tradição sociológica e pedagogos, como T. Tadeu da Silva (1993) e N. Marzola (1995), os quais deslocam o foco da crítica

para outro aspecto, o Construtivismo é considerado uma regressão por significar a psicologização da educação, embora almeje o estatuto de teoria social da educação. Por estes setores da intelectualidade é desqualificado por não levar em conta os condicionantes sócio-econômicos do sucesso ou fracasso da educação escolar. É desqualificado também por outros acadêmicos que vêem em sua adoção como pedagogia oficial uma prática autoritária que desapropria o professor de seu saber construído em sua socialização profissional inicial e ao longo de sua experiência de vida escolar e de trabalho.

A tentativa de transposição de alguns aspectos do corpo teórico do Construtivismo para o campo pedagógico é controvertida e isso dificulta sua difusão bem como sua assimilação pelos professores, tendo em vista, neste caso, a necessidade de alterações nas práticas educativas realizadas no cotidiano das salas de aula e bastantes arraigadas no habitus (BOURDIEU, 1983) dos professores. As práticas de alfabetização, historicamente construídas, envolvem, entre outros aspectos, conceitos sobre o processo de ensino-aprendizagem e sobre a função do professor neste processo. E ao serem propostas mudanças neste campo ocorrem resistências e dificuldades na apropriação dos novos conceitos por parte dos professores, não como mero conformismo aos modelos tradicionais, mas como resposta a uma série de outros fatores que influenciam a mudança de sua ação.

Construtivismo para o campo pedagógico é controvertido e isso dificulta sua difusão bem como sua assimilação pelos professores, tendo em vista, neste caso, a necessidade de alterações nas práticas educativas realizadas no cotidiano das salas de aula e bastantes arraigadas no (BOURDIEU, 1983) dos professores.

O fracasso em alfabetizar constitui, ainda, um problema mal resolvido dentro da escola pública brasileira. Os analfabetos, de um modo geral, passaram pela escola, foram reprovados várias vezes e dela evadiram-se. Inúmeros estudos consideram que para eliminar o fracasso escolar é prioritário analisar a falta de significado das atividades em sala de aula, minando as relações de ensino e deteriorando o processo de ensino-aprendizagem. Como afirma Smolka:

... O ensino da escrita tem se reduzido a uma simples técnica, enquanto a própria escrita é reduzida e apresentada como uma técnica, que serve e funciona num sistema de reprodução cultural e produção em massa. Os efeitos desse ensino são tragicamente evidentes, não apenas nos índices de evasão e repetência, mas nos resultados de uma alfabetização sem sentido que produz uma atividade sem consciência: desvinculada da práxis e desprovida de sentido, a escrita se transforma num instrumento de seleção, dominação e alienação.

(SMOLKA, p.37,1993).

As práticas de alfabetização, historicamente construídas, envolvem, entre outros aspectos, conceitos sobre o processo de ensino-aprendizagem e sobre a função do professor neste processo. E ao serem propostas mudanças neste campo ocorrem resistências e dificuldades na apropriação dos novos conceitos por parte dos professores, não como mero conformismo aos modelos tradicionais, mas como resposta a uma série de outros fatores que influenciam a mudança de sua ação.

Na fala de Fernando Becker “entendemos que o construtivismo na educação poderá ser a forma teórica ampla que reúna as várias tendências atuais do pensamento educacional. Tendência que têm em comum a insatisfação com um sistema educacional que teima (ideologia) em continuar essa forma particular de transmissão que é a escola, que consiste em fazer, repetir, recitar, aprender ensinar o que já está pronto, em vez de fazer agir, operar, criar, construir a partir da realidade vivida por alunos e professores, isto é, pela sociedade a próxima e, aos poucos, as distantes. A educação deve ser um processo de construção de conhecimento que ocorre, em condições de complementaridade, por um lado os alunos e professores e por outro, os problemas sociais atuais e o conhecimento já construído.

(“acervo cultural da humanidade”).

(BECKER, p.89, 1992)

“Construtivismo, segundo pensamos, é esta forma de conceber o conhecimento: sua gênese e seu desenvolvimento - e, por conseqüência, um novo modo de ver o universo, a vida e o mundo das relações sociais”.

Becker, (1994)

## Minha história de vida

Alguns nascem para ser “professores”, outros sonham em ser “professores”, outros aprendem a ser “professores”, o meu caso enquadra-se na terceira opção, não foi uma escolha e sim um acontecimento o que me trouxe para esta área.

Confesso que estou aprendendo a ser professora, e é uma tarefa um tanto árdua, porque não dizer difícil. Em 1997 mudei-me para a cidade de Itatiba vindo em companhia de meu marido, que veio a trabalho.

Acostumada a trabalhar no agito de São Paulo, ao me deparar com a tranqüilidade da cidade e falta de oportunidade de trabalho, desde então passei a exercer as funções do lar e a me dedicar integralmente ao meu filho Guilherme, que na época tinha dois anos de idade e ao meu marido.

(...) A maternidade ocupa um espaço significativo na vida da mulher.. Faz parte do ideário feminino, o que acaba por dificultar a realização de projetos pessoais. A vida profissional da mulher e mãe acaba sendo prejudicada pelo fato deste espaço estar, mesmo nos dias de hoje, circunscrito essencialmente ao ambiente feminino. A participação masculina nas tarefas domésticas sem dúvida aumentou, mas o conjunto das atividades que envolvem a maternidade ainda é um universo típico e quase que exclusivo da mulher.

(Motta, 2006)

Em 1998, resolvi prestar vestibular para o curso de Psicologia e dei início ao curso que para mim era uma realização, adorava o curso e tinha verdadeira paixão, comecei a ter certeza de que iria ser psicóloga, mas no 2º ano do curso esse sonho teve que ser interrompido, precisei trancar matrícula, e daí por diante vários fatores como: construir minha casa, a formação do meu marido, uma vez que a empresa onde ele trabalhava exigia a sua formação, todos esses motivos implicaram para a não continuidade do meu curso de psicologia.

Iniciei o magistério em 2002, justamente pela falta que os estudos faziam em minha vida, por ser um curso gratuito tinha certeza de que não precisaria abandoná-lo no meio do caminho. Mas no decorrer do curso, não

tinha muita certeza do que realmente queria, algumas dúvidas e incertezas, surgiram várias vezes no caminho, tinha insegurança com relação à prática e medo de exercer essa difícil profissão, a todo o momento me questionava se era capaz de passar conhecimentos a outro “ser”.

**"Mas na profissão, além de amar tem de saber. E o saber leva tempo pra crescer."**

**Rubem Alves**

Após minha formatura em 2003, surgiram mais dificuldades, agora era a hora de batalhar um lugar ao sol, prestei meu primeiro concurso não para o cargo de efetivo, mas para contratado por “processo seletivo” e para minha surpresa passei e em vista às dificuldades, resolvi trabalhar, mas não na educação, voltei a atuar na minha antiga profissão, como auxiliar administrativa e deixei a educação de lado. Pelo menos por um momento.

Nesta época já tinha minha segunda filha Gabriella que tinha três anos, mas o meu trabalho obrigava-me a ficar fora de casa, por um período integral, o que me incomodava pela distância dos meus filhos.

Em 2004 comecei a substituir como professor eventual, era estranho e muito complicado, a rejeição era forte, a equipe da escola nem sempre me recebia de braços abertos; foi realmente um começo traumático. Nessa situação pude perceber o quanto os professores são desunidos e individualistas.

Um dia sem mais nem menos, pesquisando na internet li sobre o vestibular da UNICAMP e sobre o Proesf Programa Especial para Formação de Professores em Exercício na RMC e fiquei entusiasmada com a oportunidade de poder voltar a estudar, fui até a Secretária da Educação de Itatiba, saber se poderia prestar o vestibular.

E para minha sorte eu poderia me inscrever, pois estavam abertas as inscrições para o processo seletivo. Eu vi ali a oportunidade de voltar a estudar, e talvez não precisar mais parar por surpresas do destino.

Bom, lá fui eu fazer a prova. Não tinha noção de como ela seria, e mais uma vez para minha surpresa a prova era totalmente voltada para a avaliação da prática do professor. Eu quase não tinha experiência, mas usei a sensatez e o grande desejo de cursar a UNICAMP, e para minha surpresa, deu certo.

Fiquei em 5º lugar na lista de espera e o meu resultado surpreendeu pela pouca prática em sala de aula e no âmbito escolar.

Iniciei o curso de Pedagogia em Agosto de 2005, eu me sentia um “peixe fora da água”, pois todos que ali estavam presentes trabalhavam em escola, menos eu, estava trabalhando na área administrativa de uma construtora, nada a ver com educação, os assuntos não encaixavam na minha cabeça, pois o assunto não fazia parte do meu cotidiano profissional.

Resolvi então dar aulas como substituta e fiquei até o fim de 2005, largando a minha antiga profissão, e me envolvendo apenas com educação, mas ainda era difícil, pois como substituta não tive acesso à parte pedagógica da unidade escolar e nenhum comprometimento por parte da direção e equipe pedagógica, que não aceitam facilmente quem não faz parte da equipe.

Em 2006 após outro “processo seletivo”, mas agora na cidade de Jundiaí iniciei minha prática pedagógica como professora e não mais como professora substituta, e vi a enorme diferença em todos os sentidos. Desde as obrigações e compromissos ao recebimento da equipe.

As obrigações envolvem: toda a parte burocrática, desde preencher papeis, a seguir uma rotina, planejar as aulas e atingir as expectativas pedagógicas, não tinha noção de como era. A equipe da escola foi informada por mim, da minha recém experiência como professora, e em nenhum momento senti-me constrangida em pedir ajuda e perguntar tudo o que não sabia, e elas direção e professoras mostraram-se sempre dispostas a me ajudar, tive muita sorte, pois agora sei que nem sempre é assim.

Confesso, foi difícil e para dizer a verdade foi um dos meus maiores desafios, iniciei com uma turma de 2º série, num bairro de periferia em Jundiaí, com crianças extremamente carentes e com grande déficit de aprendizagem.

O pior vem agora: como não tinha prática, tive que correr atrás de informações e pedir ajuda a quem pudesse pedir, e sei que deixei muito a desejar em vários momentos. No segundo semestre de 2006 perdi minha classe devido ao concurso para efetivo, no qual por um ponto não passei.

Foi a minha primeira tristeza como educadora, pois na hora em que meu trabalho estava surtindo resultados, tive que largá-lo pela metade, o pior foi saber que ficaria longe da minha turma, que foi tão difícil de conquistar, já havia afetividade e cumplicidade entre nós. Mas essas são as surpresas da educação.

Aqui estava eu, mais uma vez sem classe e desanimada com os obstáculos enfrentados por nós professores. Fui à atribuição de Itatiba e consegui pegar uma licença prêmio de um mês, uma 4º série. O medo ainda tomava conta de mim, mas agora era diferente, estava disposta a enfrentar esse desafio, e queria a todo custo, 4º série não é como a 2º série, ainda mais porque estava em uma escola localizada num bairro bom e as crianças e seus pais eram muitíssimo críticos e envolvidos com a educação. Fui obrigada a estudar os conteúdos da 4º série, para não “fazer feio” diante dos alunos.

A licença chegou ao fim e tive que deixar mais uma vez a classe. Mas para minha surpresa, a supervisora da Secretária da educação me ligou e me ofereceu uma classe de 3º série até o final do ano.

Já era Setembro, e logo de início já fui avisada pela supervisora e diretora daquela unidade escolar, que a classe era terrível de comportamento, e que teria que ter “pulso firme”, pois essa classe já havia tido quatro professoras contando comigo, e sentiam medo de mais uma vez ficarem sem professor.

Lá fui eu para essa nova missão, por que ao meu olhar ser professor é uma missão, digo isso por todas as situações na qual passei e passo, por não ser uma professora efetiva, e ter que, submeter-me a qualquer situação, como aceitar curtas licenças, onde acabo me envolvendo com a classe e sei que irei começar um trabalho e não irei terminá-lo, mas são situações, que infelizmente professores em início de carreira tem que passar.

Se não fosse imperador, desejaria ser professor. Não conheço missão maior e mais nobre que a de dirigir as inteligências jovens e preparar os homens do futuro.

D. Pedro II

Fui muito mal recebida não pela equipe pedagógica, e sim pelos alunos que tiveram enorme rejeição a minha pessoa. O professor anterior a mim não

agüentou a classe e abandonou após um mês de aula, e ofendia as crianças de diversas maneiras. Aí foram várias substitutas, até chegar a minha vez. Mas eu sabia e fui avisada como a classe era e como seria recebida. Cabia a eu mudar essa situação.

Mas não desisti e minha vontade de aprender e de trabalhar era maior que minhas inseguranças. Aprendi que crianças devem ser respeitadas, amadas, admiradas e acima de tudo deve haver sempre respeito, e foi isso que fiz. Em menos de um mês já os havia conquistado, e aí foi fácil trabalhar com a classe.

Tinha algumas crianças com sérias dificuldades, crianças de progressão de ciclo e outros casos, tive que aprender a trabalhar com essas diversidades e aprender não só a trabalhar, mas a identificar e aceitar. Nossa, isso para mim era muito complicado! Tinha coisas que eu não concordava e não aceitava de maneira nenhuma. Um exemplo era como uma criança que ainda não sabia ler e escrever estava ali ao lado de outras que liam e escreviam perfeitamente!

Aí entra o Olhar, nossa! O Olhar muda tudo em nossa vida. Na minha não mudou apenas na parte pedagógica, mudou no geral; tive que aprender a olhar as crianças com o olhar de criança e não de uma adulta que tem conhecimentos e estudos. Eu tinha que mudar o meu olhar, e para eu aprender isso não foi nada fácil e para falar a verdade, ainda, às vezes, é difícil.

o olhar é sempre um olhar informado. Não existe um olhar biológico. Nem todo aquele que vê enxerga. O novo olhar é construído. Não é um ato do querer. O querer é apenas querer principiar. No processo de construção é necessário ter a coragem existencial de não saber. e isto só se consegue quando o perguntar torna-se mais importante do que o responder. A surpresa que pensa, pensa por perguntas. Vivemos quase sempre num ambiente em que temos todas as respostas, mas não sabemos a que perguntas elas correspondem. Respondemos perguntas que não fizemos. Nada sabemos acostumando assim prevalece, a tudo nivelando numa mesmice avassaladora. Diferente do olhar do poeta que descobre a exuberância que se oculta no ínfimo. Não basta ver, é preciso enxergar, diria o pensador.

(BACHELARD, 2003, ed., nº23)

Eu muitas vezes em sala de aula não me conformava em explicar uma, duas, três, ou mais vezes e o aluno não entender, não aprender, eu não entendia como aquilo era possível.

Em 2006, comecei a ter a disciplina de avaliação, a AP responsável era a Maura Hess Junqueira que por sinal foi uma das pessoas que mais me ajudou a mudar o olhar com relação à aprendizagem. A disciplina nos mostrava a todo o momento como avaliar, mas não avaliar do modo que eu estava acostumada a ser avaliada. Foi aí que veio a minha maior surpresa.

Eu descobri que eu era totalmente tradicional e isso me chocou, entrei num grande conflito, pois eu já sabia que tinha que olhar meu aluno com outros olhos, mas não sabia como fazer isso. A disciplina abriu meus horizontes, mas não foi suficiente, eu tive que começar a me policiar, e toda vez que eu ia avaliar meu aluno, eu parava e pensava como criança e não como adulta que sou, e isso começou a dar certo, pelo menos na prática.

**“Mudar é difícil, mas é possível”.**

**Paulo Freire**

Em 2007, finalmente assumi uma classe e agora tinha certeza que seria até o final do ano, pois a professora de classe afastou-se para a coordenação. Idealizei vários trabalhos, projetos e atividades e vinha desenvolvendo de maneira que julgava competente, embora esbarrasse diversas vezes com atitudes que achava não ser adequada com o construtivismo, dentro da unidade escolar.

O fato é que era cobrada constantemente sobre resultados, o aluno podia até construir o seu próprio conhecimento, porém tinha que seguir um planejamento, no caso do aluno que não acompanhava os demais da classe eu não poderia ficar presa a ele, tinha que dar continuidade a esse planejamento.

Pois acima de mim existia toda uma equipe e essa equipe me pedia resultados, semanários, etc. Como estava me sentindo perdida e sem norte, resolvi conhecer mais sobre o construtivismo, uma vez que na unidade escolar onde lecionava falava a todo o momento sobre o tema.

Aí as descobertas que firam não foi nem um pouco satisfatórias para mim, como profissional, e percebi que essa proposta não vem dando certo, e não é de agora. Aprendi no magistério o que era construtivismo, mas só agora na prática é que estou vendo que não funciona pelo menos aqui no nosso país.

## Algo me incomoda

A princípio era o olhar para educação, esse, já aprendi sei que a criança precisa de afeto, mas sei também que não é só isso que irá garantir o seu sucesso escolar, sei que é um conjunto de fatores como o meio, social e o educacional.

O que me incomoda agora é o “tal” do construtivismo, embora ambos caminhem juntos em minha opinião, após muitas leituras e convivendo o dia-a-dia com meus alunos e a aflição de colegas com a aprendizagem, falta de respeito, indisciplina e falta de compromisso dos pais ou responsáveis, e outros, percebo o quanto o construtivismo desarrumou a educação.

“Construtivismo significa isto: a idéia de que nada a rigor, está pronto, acabado e de que, especificamente, o conhecimento não é dado, em nenhuma importância, como algo terminado. Ele reconstitui pela interação do indivíduo com o meio físico e social, com o simbolismo humano, com o mundo das relações, sociais; e se constitui por força de sua ação e não por qualquer outra dotação prévia, na bagagem hereditária ou no meio, de tal modo que podemos afirmar que antes da ação não há psiquismo nem consciência e, muito menos pensamento”.

(BECKER, 1994, p. 87 a 93)

Não estou julgando, a proposta pedagógica, mas quero apontar alguns pontos negativos, que acho que interferem num bom resultado, fazendo uma ponte com o método tradicional dos anos 80 com a proposta construtivista nos dias atuais.

Acho que Piaget deve estar “se revirando no túmulo” ao ver tantos desarranjos com o construtivismo e que as expectativas não estão sendo atendidas no geral.

Dados mostram que o Brasil supera a colocação do último colocado no ranking mundial de qualidade no ensino da leitura e escrita (OCDE, 2001).

A corrente pedagógica fundamentada em Piaget afirma que cada pessoa constrói seu próprio conhecimento de maneira pessoal e intransferível, a leitura que a inteligência pedagógica brasileira fez da afirmativa Piagetiana sobre a aprendizagem foi: se cada uma aprende do seu jeito e no seu ritmo, a escola

ao invés de ensinar, deve colocar “tudo” diante do aluno para que este descubra sozinho.

Seria como uma relação particular entre sujeito e objeto do saber, sem nenhuma mediação, a partir desta crença, os alunos foram colocados diante de textos, como se só isto bastasse para que todos aprendessem a ler e a escrever, e o resultado está aí como mostram as pesquisas.

Nossos alunos são os piores do mundo em leitura, e como as coisas andam juntas conseqüentemente nossas escolas também são as piores em leitura, essa é a nossa realidade. Será que o fracasso educacional se dá devido à proposta pedagógica?... Claro que não ele ocorre a partir de vários fatores, vou listar alguns.

- a grande lotação nas salas de aula, será possível dar atenção individualizada quando se tem 40 alunos?
- a cobrança por resultados no fim de cada bimestre (o aluno é apenas um número será que ele realmente pode construir o seu conhecimento?).
- se a criança evolui conforme a sua faixa etária, como se pode colocar um aluno evadido na sala de aula, junto com os demais, que possuem a mesma faixa etária?
- como se pode formar alunos críticos, se a última palavra vem da direção?
- a falta de compromisso e responsabilidade dos pais ou responsáveis
- valores e ética, que antes eram passados pela família, encontram-se perdidas.
- professores mal remunerados e mal preparados.

Após ler uma reportagem da revista Veja que fala sobre a educação da Finlândia, e faz algumas comparações com a educação do Brasil, pude perceber o descaso político com a educação, mas não estou falando apenas de alunos, e sim do protagonista principal desta história, nós professores.

A Finlândia ocupa o topo do ranking de qualidade de ensino feito pela OCDE com base em testes aplicados a alunos de 57 países. E tudo isso porque a profissão professor nesse país é valorizada, e para ser ter idéia é disputadíssima: apenas 10% dos candidatos são aprovados para exercê-la.

Isso porque ser professor na Finlândia, não é como no Brasil onde qualquer “Um” pode ser professor, basta cursar uma faculdade uma vez por mês durante um ano e meio e pronto, já se é professor. A diferença no país

que estou falando, é que lá todos os professores da educação básica têm no mínimo que ter mestrado. E o país colocou a qualificação a cargo das universidades com duração de cinco anos. O país percebeu que para garantir uma educação de qualidade era necessário dar ênfase a qualidade dos professores, esse foi o primeiro passo da reforma educacional, que o país adotou, na década de 70.

Quando falo de valorizar nós professores não é apenas no sentido de salário, pois na Finlândia, os professores não ganham mais do que nós, eles ganham menos devido a renda percapita do país, pelo baixo custo de vida. E isso demonstra que não é apenas salário que estimula o professor. Mas também a sua formação e capacitação.

Quero citar algumas informações das quais julgo pertinentes para compararmos a educação da Finlândia com a nossa educação.

#### **Os segredos da educação da Finlândia:**

- O país consegue ter os alunos mais bem preparados do mundo, com medidas simples e ênfase na formação dos professores. As quais citarei a baixo.
- A mesma qualidade para todos, a discrepância no desempenho entre as escolas do país é a menor do mundo, o governo mantém um sistema sigiloso de avaliação das escolas (99% são públicas) e os diretores são informados sobre o desempenho delas, cabem a eles decidirem como resolver o fracasso dos alunos. Esse sistema tem o mérito de fazer com que os professores se sintam motivados para trabalhar.
- Os piores alunos não são deixados para trás; dois em cada dez estudantes recebem aula de reforço. Por causa disso os índices de repetência são baixíssimos “quase igual no Brasil, onde as aulas de reforço começam no mês de Outubro como se fossem capazes de recuperar as dificuldades do aluno, em quarenta a cinquenta dias”
- Currículo variado, além das matérias básicas, há aula de: ecologia, ética, música, artes e economia doméstica, “Não foge muito do nosso currículo” falando da cidade onde trabalho. O ensino de duas línguas estrangeiras é obrigatório, mas, se o aluno quiser pode aprender outras duas. “Aí já não é igual”.
- O aluno deve ter prazer em ficar na escola. Os diretores e professores são responsáveis em criar um ambiente agradável para os estudantes.

A reforma educacional da Finlândia levou três décadas para se consolidar. Pouco a pouco as crianças foram voltando para a rede pública e as instituições privadas foram incorporadas ao sistema do estado.

Na Finlândia, existe um conceito de que todo mundo precisa ter uma educação mínima para ser cidadão. A educação de qualidade foi essencial para a economia do país, a mão de obra qualificada permitiu que a eletrônica substituísse a madeira e o papel, como principais produtos de exportação. Que eram há quarenta anos atrás. E a Finlândia tem hoje o terceiro maior investimento em pesquisa e desenvolvimento do planeta.

Isso prova que um país só pode ser desenvolvido e obter vitórias e conquistas quando se investe em educação, mas não investir do modo como O Brasil vem investido, apenas em programas sociais, que contribuem ainda mais com o comodismo populacional. Mas com professores de qualidade e bem capacitados.

É necessário formar, não apenas um aluno crítico, mas também um professor crítico, e consciente da real situação em que se encontra a educação em nosso país, digo isso por causa de algumas pessoas que fazem Pedagogia “achando que vão dar aula, trabalhar em meio período, e terem duas férias no ano , e um cargo público sem o risco de perdê-lo” muitas; dessas pessoas assim como eu que nunca tinha entrado em uma sala de aula achava que era simples ser professor.

É necessário formar de fato professores, que saibam que muitas práticas não estão dando certo, que a política educacional não tem interesse algum em ter mão-de-obra qualificada, muito menos em ter cidadãos pensantes e críticos, como sugere a proposta construtivista. E isso não se aprende fazendo um curso da má qualidade com duração de um ano e meio.

“Num mundo ideal, eu fecharia todas as faculdades de pedagogia do (país) e recomeçaria tudo do zero”

REVISTA NOVA ESCOLA MARÇO/08 (pág. 28).  
Maria Helena Guimarães de Castro.  
Secretaria estadual de educação de São Paulo.

Em minha opinião e experiência após a prática e com as leituras realizadas, durante todo o meu curso de pedagogia na UNICAMP percebi que

o construtivismo daria certo, se aplicado com crianças que já possuem uma bagagem cultural voltada para educação.

Se pensarmos educação para a classe mais favorecida, o construtivismo cairia como uma luva. Essas crianças desde muito cedo têm contato com livros, pais que contam histórias, pais com formação adequada, uma TV, por assinatura, cultura como: cinema, teatro, viagens, na sua maioria os pais são comprometidos embora sejam pais ocupados, estão atentos à educação dos filhos.

Agora uma criança que sofre com desnutrição, ausência de pais, muitos não podem ensinar ou ler para seus filhos, não porque não queiram, mas por não saberem, uma vez que o analfabetismo se arrasta por décadas. Sem falarmos do analfabetismo funcional, que toma conta da maior parte dos brasileiros.

Essas crianças não trazem consigo bagagem, muitos autores acreditam que para construir é necessário bagagem. Aí a questão: como pode dar certo o construtivismo com essas crianças? E será que a política educacional não sabe disso?

As crianças da camada popular sofrem graves influências do meio onde vive a linguagem a escrita, a falta de oportunidades, como podemos exigir que esse aluno construa o seu conhecimento, baseado em todas as dificuldades vividas por ele?

Será que o método do construtivismo respeita a situação sócio econômica da criança que irá receber essa aprendizagem? Será que quem aplica o construtivismo sabe o que vive no dia-a-dia. Essas crianças, fora da escola? Até sabem, pois a realidade está escancarada, mas será que a política governamental e educacional aceitaria assumir a culpa pelo fracasso da educação?

E por que nós educadores aceitamos isso, sabendo que o método não está dando certo. Até quando cruzaremos o braço diante essa situação?

Os alunos estão cada vez mais indisciplinados e cada vez menos interessados em serem ensinados, talvez essa agitação na sala de aula reflita esta consciência que os alunos têm, mesmo que seja uma consciência precária, baseada no senso comum, de que existe uma série de coisas sendo faladas no mundo que eles vêem e que não podem ser faladas na escola,

como por exemplo, o seu cotidiano, situações que vivem nos bairros onde residem, a situação familiar e etc.

Essa agitação reflete a desatualização da escola em relação ao mundo em que ela está inserida.

Piaget afirma que cada pessoa constrói seu próprio conhecimento de maneira pessoal e intransferível, até aí tudo bem.

A leitura que a inteligência pedagógica brasileira faz da afirmativa Piagetiana sobre a aprendizagem foi: se cada um aprende do seu jeito e no seu ritmo, a escola ao invés de ensinar, deve colocar “tudo” diante do aluno para que este descubra sozinho. Seria uma relação particular entre o sujeito e o objeto do saber, sem nenhuma mediação. A partir desta “crença”, os alunos foram colocados diante de textos, como se só isso bastasse e fosse possível, para que eles aprendessem a ler e escrever. Acreditaram que milagrosamente, eles apareceriam lendo.

Pode-se ver o resultado, nossos alunos são considerados os piores do mundo em leitura. E como as coisas não se desligam uma da outras, nossas escolas são também as piores em leitura. Eliminaram os métodos e cartilhas de alfabetização, deixaram de ouvir professores experientes, com uma história de eficácia na alfabetização para seguir modismo. E a seguem religiosamente, sem questionar, sem querer saber como se alfabetiza no resto do mundo.

Segundo João Batista Oliveira, o Brasil não compreende certos conceitos de Pedagogia. “Por isso, a seu ver e ao meu também, o construtivismo virou “uma seita de Talibãs” e que, na falta de “programa de ensino” e devido a professores “totalmente desorientados”, o conceito de ciclo “virou ideologia”, virou religião”.

(Oliveira, 2002, educacional a internet na educação)

## **O tempo de aprendizagem**

Será que respeitar o tempo de aprendizagem como diz o construtivismo é mandar uma criança que não está alfabetizada na primeira série para a segunda série? E mesmo notando que essa criança não teve avanço na

segunda série e não se encontra preparada a prosseguir, pois não é capaz de construir seu próprio conhecimento, mandão - a para terceira série?

E mesmo toda equipe pedagógica e a professora da sala percebendo esse “Problema” são obrigadas a aceitarem essa situação, pois esbarram com a burocracia da rede pública, que diz que o percentual para reprova é de dez por cento.

Será que isso não é empurrar com a “barriga” um problema que poderia ser resolvido com a reprova? Ou o investimento de um professor para dar aula de reforço? Mas não no final do ano e sim no início do ano onde se percebe o problema.

É nítido que nessa situação o aluno que não acompanha a sua turma tem a auto-estima baixa. E fica aquela sala com discrepância de aprendizado. Tenho crianças em minha sala de aula que não estão ainda na fase silábico-alfabética e alfabética, o detalhe é que leciono em uma terceira série.

Como posso trabalhar conteúdos de terceira série com meus alunos se tenho crianças que não escrevem o próprio nome? Dá vontade de chorar, de sair correndo da sala, mas não posso, pois sei que o fracasso dessa criança não é somente seu e sim de um sistema.

Como eu aprendo a respeitar o tempo do meu aluno se ele chegou à terceira série sem saber ler e escrever, ou seja, sem construir nada? Até quando terei que respeitar o seu tempo de construir o seu próprio conhecimento, como manda o construtivismo?

São questões assim que me levam a refletir a minha prática e a todo o momento me pego nas lembranças de quando era aluna. Fui alfabetizada no método tradicional, e lembro até da cartilha “Caminho suave”, lembro das chamadas orais de tabuada e lembro que na terceira série tinha ela decorada, quando era semana de prova eu não saía para brincar, e só de pensar em ficar de recuperação já sentia calafrios. E repetir o ano então! Era vergonhoso quem fazia a mesma série novamente.

Lembro-me do respeito que tinha por meus professores, e a diretoria era um lugar por onde eu não queria passar a não ser que fosse para guardar um material para um professor, ou levar um recado. Confesso que já fiquei de castigo no milho e isso não alterou em nada minha auto-estima, pois aprendi naquele momento qual era o papel da escola, e o que eu estava fazendo ali.

Não estou querendo dizer que voltemos a punir nossos alunos, pois sou contra esse tipo de tratamento desumano. Hoje essas formas de castigar são raras; porém, o castigo não desapareceu da escola. Ele se manifesta de outras maneiras, que não atingem imediatamente o corpo físico do aluno, mas sua personalidade.

Mas coloco que o respeito e a real função da escola como instituição, para os alunos de hoje, já não existe mais. Eu como uma recém profissional na área da educação, em todos os dias aprendo a viver essas novas situações, mas confesso ser difícil, é triste saber que tudo mudou.

A escola para essa nova geração é um espaço de lazer, um lugar onde talvez muitas vezes eles façam uma única refeição do dia, e até um lugar onde possam receber a atenção que lhes falta em casa, a reprova para eles não têm significado nenhum, pois ela não existe. E isso está muito claro para aluno e pais de alunos, pela falta de compromisso e responsabilidades com a rotina escolar, o pouco interesse dos pais com relação ao aprendizado e o incentivo aos estudos.

A criança só faz a série que necessita quando sua idade está muito acima, quando apresenta 75% de ausência, ou lá na quarta série quando “percebem realmente que aquela criança não domina a leitura e escrita, isso se ela der sorte, pois tem que enquadrar-se nos 10% de reprova. Então, para o professor basta torcer que tenha apenas quatro crianças nessa situação, sabemos que a realidade não é essa.

Será que não seria melhor a criança fazer apenas aquela série que ela não teve sucesso e ganhos de aprendizagem, do que carregar tantos fracassos, por conta das burocracias políticas?

Por que na rede privada ou nas escolas públicas com clientela mais favorecida esse fracasso não acontece? Sei que as crianças também são indisciplinadas, sei que ocorrem problemas, mas a dificuldades do professor para essa camada é diferente comparada aos professores da rede pública destinada a população carente.

Em pesquisa realizada por mim, na escola onde minha filha estuda hoje, pude perceber que essas crianças “privilegiadas” dificilmente chegam à primeira série sem saber ler e escrever, com autonomia. Eu vivi essa experiência, apontando um exemplo no colégio onde minha filha estuda, eles

adotam o método tradicional, com reprova e funciona muito bem. Vejo pela minha filha a preocupação que ela demonstra com relação às notas e a sua preocupação com os estudos. E mesmo a escola adotando o método tradicional percebe-se, que as crianças não deixam em momento algum de construir o seu conhecimento.

Minha filha concluiu a educação infantil na rede pública do município onde moro, e fez a primeira série também na rede, e após muitas decepções, classe lotada, falta de compromisso do professor, e outros fatores me levaram a decisão de tirá-la da rede. E colocá-la em colégio particular, mas Consta na <sup>5</sup>LDB no título III “Do direito à educação e do dever de educar”.

Art.4º O dever do estado com a educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de:

I-ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

II-progressiva extensão da obrigatoriedade e gratuidade ao ensino médio.

Mas como eu professora conhecendo a má qualidade do ensino público, posso querer isso a minha filha? Sorte tenho eu, de ter uma condição financeira privilegiada, de não depender do meu salário para sobreviver, e ter o apoio financeiro do meu marido, e conseguir pagar uma educação de qualidade a minha filha.

Mas sei também que a metade da população brasileira não tem esse privilégio e que depende da educação pública.

Às vezes penso e questiono sobre o real interesse político com relação ao método construtivista e a não reprova... Questiono-me e olho para meus alunos com o olhar de desilusão e chego a pensar até quando eles serão objetos de estudo, pois a sensação que tenho é que estão até hoje testando o construtivismo e mesmo percebendo os desajustes ainda há a insistência em colocá-lo em prática. E o professor que não faz uso dessa prática é visto com reprova e sinto isso dentro das unidades escolares por onde passei.

Sem falar que o professor prepara uma bela aula construtivista, recheada de exemplos práticos tirados do cotidiano dos alunos. Maravilha! Só tem um problema: uma aula assim precisaria de algum tempo para os alunos darem tudo de si, exporem tudo que pensam sobre aquele assunto, sem falar que um assunto puxa outro e surgem as intermináveis, mas construtivas

dúvidas. No entanto muitas escolas não estão dispostas a abrir mão de seu programa, de seu planejamento. Assim, cabe ao professor cumprir este programa com pressa, cujos alunos são os maiores prejudicados, tornando-se vítimas deste processo ilusionista.

Então como ser um professor construtivista se o sistema não permite isso? Então por que ainda estão pondo em prática esse método? Não será a hora de todos revermos essa prática?

## **O analfabetismo e analfabetismo funcional**

O analfabetismo no Brasil é histórico, mas sua origem mudou. Antes, o analfabeto era alguém que não tinha passado pelo sistema escolar. Hoje o analfabeto é aquele aluno que passou anos em sala de aula e não se alfabetizou. No primeiro caso, o aluno abandonava a escola e no segundo, ele ainda consegue sair com um diploma. É ou não é um absurdo!

No art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente, o ECA, assegura que: “a criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-lhes”:

I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola...

E o art. 54 completa: “É o dever do Estado assegurar à Criança e Adolescente

I – ensino fundamental, obrigatório e gratuito, inclusive para os que a ele não tiveram acesso na idade própria.

Parece muito bonita toda essa legislação, mas infelizmente ainda não é possível modificar a tragédia do analfabetismo no Brasil. Segundo o senso de 1980, 25,5% da população de 15 anos ou mais era considerado analfabeto contingente esse que atingiu cerca de 30 milhões em 1988, “época em que o método do construtivismo não era utilizado”.

Mas a década de 90 foi proclamada como a década mundial da alfabetização, a previsão é de que a marca dessa desigualdade em termo de alfabetização passará sobre a nossa infância e adolescência. Já era estimado

na década. de 90 que no ano de 2000, uma a quatro crianças fará parte desta estatística do analfabetismo.

Como podemos ver o método foi implantado e o analfabetismo ainda nos ronda, só que de maneira muito mais triste, pois as crianças e adolescentes chegam ao ensino médio muitas vezes sem saberem ler ou até mesmo escrever. Os chamados analfabetos funcionais.

O último resultado do SAEB<sup>2</sup> mostrou que 33% dos alunos com quatro anos de escolaridade ainda são analfabetos.

## **Analfabetismo funcional**

O analfabetismo funcional é um problema silencioso e gravíssimo que afeta as empresas. Não se trata de pessoas que nunca foram à escola. Elas sabem ler, escrever e contar, muitas vezes chegam a ocupar cargos administrativos, mas não conseguem compreender a palavra escrita, como a leitura de bons livros, artigos e crônicas. Essas pessoas preferem ouvir explicações orais a ter que ler para entender o funcionamento, por exemplo, de um computador ou até operar uma máquina. Às vezes finge entender, para depois saírem perguntando aos outros, como realizar tal serviço.

Esse problema não atinge uma pequena parcela da população, calcula-se que no Brasil, os analfabetos funcionais somem 70 % da população economicamente ativa. No mundo todo há entre 800 e 900 milhões deles. São pessoas com menos de quatro anos de escolarização; mas pode-se encontrar também, pessoas com formação universitária e exercendo funções-chaves dentro de empresas e instituições, tanto privadas quanto públicas.

Essas pessoas chamadas de analfabetos funcionais, muitas vezes não têm as habilidades de leitura compreensiva, escrita e cálculos para fazer frente às necessidades de profissionalização e tampouco da vida sócio-cultural.

Diferentemente dos estudos internacionais, o INAF ainda opera com o conceito de analfabetismo, já que esse é um problema que persiste no Brasil. Além disso, entretanto, distingue três níveis de habilidades na população alfabetizada: o nível rudimentar, o básico e o pleno. Ainda que os três níveis

---

<sup>2</sup> Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica - SAEB implantado em 1990 é coordenado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais...

tenham algum grau de funcionalidade, ou seja, correspondam a habilidades que as pessoas podem aplicar em determinados contextos, somente o nível pleno pode ser considerado como satisfatório, aquele que permite que a pessoa possa utilizar com autonomia a leitura e a matemática como meio de informação e aprendizagem.

### **Reportagem do jornal Estado de São Paulo do dia 23/03/2008**

#### **“Um terço dos estudantes de 4º série sabem o equivalente a um aluno de 1º série”**

“A conclusão desta vez é oficial, e parte de um estudo ainda inédito preparado pelo INEP (Instituto de Estatística e Pesquisas Educacionais)”.

Pela primeira vez o Ministério criou parâmetros para dizer objetivamente o que um aluno deve saber em cada nível de escolaridade. A conclusão é que as crianças vão à escola, mas isso está longe de significar que estão aprendendo. Através de escalas que vão de 1 a 5.

**Conclusão**→ as crianças de 4º série estão enquadradas no nível 4 de aprendizagem, quando esse nível era para ser considerado para as crianças de 1º série. As crianças de 4º série vão para a 5º série sem saber ler e compreender textos longos e enunciados.

#### **Vejamos os níveis de alfabetização<sup>3</sup>**

	<b>Leitura</b>	<b>Habilidades Matemáticas</b>
<b>Analfabetismo</b>	Não domina as habilidades medidas.	Não domina as habilidades medidas.
<b>Alfabético Nível Rudimentar</b>	Localiza uma informação simples em enunciados de uma só frase, um anúncio ou chamada de capa de revista, por exemplo.	Lê e escreve números de uso freqüente: preços, horários, números de telefone. Mede um comprimento com fita métrica, consulta um calendário.
<b>Alfabético Nível Básico</b>	Localiza uma informação em textos curtos ou médios (uma carta ou notícia, por exemplo), mesmo que seja necessário realizar inferências simples.	Lê números maiores, compara preços, conta dinheiro e faz troco. Resolve problemas envolvendo uma operação.
<b>Alfabético Nível Pleno</b>	Localiza mais de um item de informação em textos mais longos, compara informação contida em diferentes textos, estabelece relações entre as informações (causa/efeito, regra geral/caso, opinião/fato). Reconhece a informação textual mesmo que contradiga o senso comum.	Consegue resolver problemas que envolvem seqüências de operações, por exemplo, cálculo de proporção ou percentual de desconto. Interpreta informação oferecida em gráficos, tabelas e mapas.

<sup>3</sup> Índice de analfabetismo, (INAF).

## **Os compromissos necessários para um Brasil alfabetizado**

Os dados sobre o analfabetismo funcional confirmam que a educação básica é o pilar fundamental para promover a leitura, o acesso à informação, a cultura e a aprendizagem ao longo de toda a vida. Assim, para que tenhamos um Brasil com níveis satisfatórios de participação social e competitividade no mundo globalizado, um primeiro compromisso a ser reafirmado é com a extensão do ensino fundamental de pelo menos oito anos a todos os brasileiros, independentemente da faixa etária, com oferta flexível e diversificada aos jovens e adultos que não puderam realizá-lo na idade adequada.

É preciso também reconhecer que os resultados da escolarização em termos de aprendizagem ainda são muito insuficientes e que um eixo norteador para a melhoria pedagógica na educação básica deve ser o aprimoramento do trabalho sobre a leitura e a escrita. É preciso superar a visão de que esse é um problema apenas dos professores alfabetizadores e dos professores de Português. Grande parte das aprendizagens escolares depende da capacidade de processar informações escritas, verbais e numéricas, relacionando-as com imagens, gráficos etc. Todos os educadores precisam atuar de forma coordenada na promoção dessas habilidades, contando com referências claras quanto a estratégias e estágios de progressão desejáveis ao longo do processo, para que os avanços possam ser monitorados. Com apoio dos gestores, todos os professores devem agir sistemática e intensivamente no sentido de desenvolver nos alunos hábitos e procedimentos de leitura para estudo, lazer e informação, assim como proporcionar o acesso e a manipulação das fontes: bibliotecas com bons acervos de livros, revistas e jornais, computador e internet.

Finalmente, é preciso reconhecer que a promoção do analfabetismo não é tarefa só da escola. Os países que já conseguiram garantir o acesso universal à educação básica estão conscientes de que é necessário também que os jovens e adultos encontrem, depois da escolarização, oportunidades e estímulos para continuar aprendendo e desenvolvendo as suas habilidades. Os programas de dinamização de bibliotecas e inclusão digital são fundamentais e devem ser levados a sério pelas políticas públicas.

“O Brasil ficou em último lugar no programa internacional de avaliação de alunos (Pisa), cuja ênfase era a compreensão de textos. Para o consultor João Batista Oliveira, além dos alunos, tem mais gente que não entende o que lê. Ele contesta quem tenta relativizar as notas baixas: os dados são irrefutáveis. A reprovação do nosso sistema educacional é merecida.”  
(Oliveira, 2002, educacional a internet na educação).

## Letramento

“Leu e não entendeu, deu no que deu”. Em dezembro de 2001, a educação nacional viu-se no centro do debate em manchetes nada lisonjeiras. Após resultado do Programa Internacional de Avaliação de Alunos, (PISA) em que o Brasil ficou em última colocação, entre os 32 países avaliados. Ganhando o certificado de mau aluno. Tudo isso por não saber interpretar textos.

“Nos dicionários da língua portuguesa o termo alfabetizado diz respeito ao indivíduo que somente aprendeu a ler e escrever, não se diz que é o que adquiriu o estado ou condição de quem se apossou da leitura e da escrita, e que responde de maneira satisfatória as demandas das práticas sociais. Ainda, ampliando a abrangência da alfabetização, podemos analisá-lo à medida que este produz a “formação social existente, ou como um conjunto de práticas culturais que promove a mudança emancipadora”

(DONALDO, 1990: 10)

Leda Verdiani Tfouni, diz em seu livro “ Letramento e alfabetização” que a alfabetização, por muitas vezes, está sendo mal entendida.

”Há duas formas segundo as quais comumente se entende a alfabetização: ou como um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e escrita, ou como um processo de representação de objetos diversos, de naturezas diferentes. O mal-entendido que parece estar na base da primeira perspectiva é que a alfabetização é algo que chega a um fim, e pode, portanto, ser descrita sob a forma de objetivos instrucionais. Como processo que é parece-me antes que o que caracteriza a alfabetização é a sua incompletude”.

(Tfouni, 1995)

Com isso, fica subentendido, pelo aspecto sociointeracionista, que a alfabetização do indivíduo, é algo que nunca será alcançado por completo, não há um ponto final. A realidade é que existe a extensão e a amplitude da alfabetização no educando, no que diz respeito às práticas sociais que

envolvem a leitura e a escrita. Neste âmbito, muitos estudiosos discutem a necessidade de se transpor os rígidos conceitos estabelecidos sobre a alfabetização, e assim, considerá-la como a relação entre os educandos e o mundo, pois, este está em constante processo de transformação. E o indivíduo para não ser atropelado e marginalizado pelas mudanças sociais deverá acompanhar, através da atualização individual, o processo que levará ao crescimento e desenvolvimento. Não que o educando não tenha qualquer saber antes da alfabetização, pelo contrário, sabemos que todo indivíduo possui, de alguma forma, níveis de conhecimento. E, isto, foi muito bem discorrido por Paulo Freire:

De maneira clara estabelece a principal diferença entre letramento e alfabetização: “letramento é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e leitura e suas práticas sociais”, e “alfabetizar é ensinar a ler e a escrever, é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever”.

(Soares, 2001 p. 31)

Esse é um ponto de suma importância para aqueles que pretendem despojar-se dos restritos, e incisivos conceitos em que a alfabetização é estabelecida em termos mecânicos e funcionais.

Mas, afinal, por que e para que surgiu o que se denominou **letramento**?

Por todo o tempo em que já vivemos como uma sociedade grafocêntrica, tem-se conhecimento sobre a problemática da falta do saber ler e escrever. Com isso, gerou-se uma crescente preocupação em desenvolver um controle sobre essa questão, através de muitos estudos e ações com o objetivo de erradicar o problema, logo, foi preciso criar um termo e fazê-lo conhecido no campo da pesquisa, surgindo o “analfabetismo”. Mas, observou-se que para o estado / condição daquele que sabe ler e escrever, e, que responde de maneira ampla e satisfatória as demandas sociais fazendo uso de alguma maneira da leitura e escrita, ainda não havia uma denominação. Mais tarde, isso se fez necessário devido à constatação de uma nova situação: de que não basta apenas o saber ler e escrever, necessário é saber fazer uso do ler e do escrever, saber responder às exigências de leitura e de escrita que a

sociedade faz. Então, o nome *letramento* surgiu mediante a esta nova constatação.

Segundo Magda Soares, 2003 alfabetização e sua importância na escola ou o que poderia ser chamado de acesso ao mundo da escrita, num processo amplo é o processo de um indivíduo entrar nesse mundo, e isso se faz basicamente por duas vias: uma através do aprendizado de uma “técnica”. Chama a escrita de técnica, pois aprende a ler e a escrever envolvem o relacionar sons com letras, fonemas com grafemas, para codificar ou para decodificar.

A outra via, ou porta de entrada, consiste em desenvolver as práticas de uso dessa técnica. Não adianta aprender uma técnica e não saber usá-la.

Podemos perfeitamente aprender para que serve cada botão de um forno de microondas, mas ficar sem saber usá-lo. Essas duas aprendizagens – aprender a técnica, o código (decodificar, usar o papel, usar o lápis etc.) e aprender também a usar isso nas práticas sociais, as mais variadas, que exigem o uso de tal técnica – constituem dois processos, e um não está antes do outro. São processos simultâneos e interdependentes, pois todos sabem que a melhor maneira para aprender a usar um forno de microondas é aprender a tecnologia com o próprio uso. Ao se aprender uma coisa, passa-se a aprender a outra. São, na verdade, processos indissociáveis, mas diferentes, em termos de processos cognitivos e de produtos, como também são diferentes os processos da alfabetização e do letramento.

Significa que a alfabetização, aprendizagem da técnica, o domínio do código convencional da leitura e escrita e das relações fonemas e grafemas, do uso dos instrumentos com os quais se escreve, não é pré-requisito para o letramento. Mas por outro lado, se a alfabetização é uma parte constituinte da prática de leitura e da escrita, ela tem uma especificidade, que não pode ser desprezada, (o “desinventar” a alfabetização).

É abandonar, esquecer, desprezar a especificidade do processo da alfabetização. A alfabetização é algo que deveria ser ensinado de forma sistemática, ela não deve ser diluída ao processo de letramento. Não se pode deixar milhões de alunos, crianças e jovens saírem da escola semi-alfabetizados, quando não analfabetos.

O que se pode levantar como hipóteses, primeiro é a concepção de alfabetização que coincidentemente, chegou ao país na mesma época que o conceito de letramento, nos anos 80; segundo, uma nova organização do tempo da escola, que consiste na divisão em ciclos, trazendo junto a questão da progressão continuada, da não reprova, esta concepção de certa maneira está associada ao construtivismo. A autora não afirma que essa concepção esteja errada, mas sim do modo como ela se dilui ao sistema, e que isso pode ser uma das causas da perda de especificidade do processo de alfabetização.

O problema é que atrelado a essa mudança de concepção, veio a idéia de que não seria preciso haver método de alfabetização. Por equívocos e por inferências falsas, passou-se a ignorar ou menosprezar a especificidade da aquisição da técnica da escrita, codificar e decodificar viraram nomes feios.

Aí é que está o erro. Ninguém aprende a ler e a escrever se não aprender relações entre fonemas e grafemas, para codificar e decodificar, isso é parte do processo de aprender a ler e escrever.

É falso o pressuposto de que a criança vai aprender a ler e escrever só pelo convívio com textos. O ambiente alfabetizador não é suficiente, o construtivismo constitui uma teoria mais complexa do que a que está presente no senso comum, trouxe algo que não sabíamos permitiu-nos saber que os passos da criança, em interação com a escrita, são dados numa direção que permite a ela descobrir que escrever é registrar sons e coisas.

A autora diz sobre o risco de reinventarmos a alfabetização, reinvenção pode parecer uma esperança, mas não é propriamente a solução do problema. Entendo-a como um movimento que tenta recuperar a especificidade do processo de alfabetização. A mudança não deve ser um retrocesso, mas um avanço.

**Leite, leitura  
letras, literatura,  
tudo o que passa,  
tudo o que dura  
tudo o que duramente passa  
tudo o que passageiramente dura  
tudo, tudo, tudo  
não passa de caricatura  
de você, minha amargura  
de ver que viver não tem cura.**

**Paulo Leminski**

## O papel do educador no letramento

Paulo Freire, 1990 afirma que para o educador, o ato de aprender “é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito”. Esta constatação não está relacionada somente ao educando, pois sabemos que o educador tem que estar sempre adquirindo novos aprendizados, lançando-se a novos saberes, e isto, resulta em mudanças de vários aspectos, como também, gera o enriquecimento tanto para o educador quanto para o educando, que com certeza lucrará com esse desenvolvimento. Então, necessário é que o educador atente-se para aquilo que é sumariamente importante na sua formação, ou seja, “*o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática*”, e, “*quanto mais inquieta for uma pedagogia, mais crítica ela se tornará*” (FREIRE, 1990). Freire afirma que a pedagogia se tornará crítica se for investigativa e menos cheia de certezas, pois o ato de educar não é uma doação de conhecimento do professor aos educandos, nem transmissão de idéias, mesmo que estas sejam consideradas muito boas. Ao contrário, é uma contribuição no “processo de humanização”. Processo este de fundamental papel no exercício de educador que acredita na construção de saberes e de conhecimentos para o desenvolvimento humano, e

que para isso se torna um instrumento de cooperação para o crescimento dos seus educandos, levando-os a criar seus próprios conceitos e conhecimento.

Considero que nós educadores devemos refletir a prática do letramento e sim, a sua importância na formação do indivíduo, no caso o educando, o letramento e a alfabetização, andam juntas, são distintas, mas ambas são importantes na fase escolar.

O letramento é um fenômeno de cunho social. É presa pelas características sócio-histórico da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade, que para mim é de extrema importância deixarmos de lado, o meio em que nossos alunos estão inseridos e pensarmos, que num futuro ele precise ser letrado e não apenas alfabetizado.

Já a alfabetização preza apenas o saber ler e escrever e isso deve ser mudado, pois muitas vezes o educando é alfabetizado e não domina as habilidades de leitura e escrita necessária para a participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita.

Temos que saber separá-los embora ande juntos os dois são importantes para o educando se pensarmos num futuro e temos que exigir que nossos alunos não seja apenas alfabéticos mas também letrados e que saiba se comunicar diante de qualquer contexto social.

Eu como educadora deixo sempre isso bem claro aos meus alunos, sei que são crianças, mas eles devem saber que onde eles moram as pessoas não utiliza com desenvoltura a língua portuguesa, por diferentes motivos e que eles não precisam falar “errado”, porque escutam seus pais, familiares, vizinhos e amigos falando errado.

Friso sempre aos meus alunos, não é porque seus pais são pobres, que eles no futuro também serão, eles precisam entender que a escola é um espaço que pode lhe proporcionar um futuro diferente ao de seus pais, e que, fora do contexto onde vivem as pessoas irão reparar no modo como eles se comunicam.

Toda vez que um aluno meu fala: nós foi, nós vai, nós vamo e outras palavras que não condiz com o letramento eu os corrijo e sempre explico que assim como “eu” reparo nesses erros, outras pessoas também iram reparar, e faço com que eles reflitam sobre essa importância.

Eu não me preocupo apenas em alfabetizá-los, mas sim em prepará-los para um futuro, minhas atividades envolvem muito o pensamento lógico, o entendimento e a prática da leitura, trabalho muito também a memorização, por não acreditar 100% na construção do conhecimento.

Trabalho com meus alunos, mesmo sabendo que se a minha equipe pedagógica, não está de acordo a chamada oral de tabuada, por saber que eles não conseguem construir esse raciocínio, faço com eles a hora de estudo na semana de prova, onde dedicamos um tempo para lermos juntos e tentar memorizar algumas questões que caíram na prova, pois sei que se não for assim, eles não iram estudar em casa, por não terem o hábito e por não saberem estudar.

Eu sei que a alfabetização não tem um ponto final e que será necessário alfabetizar durante todo o ciclo escolar, mas não se deve esquecer do letramento e o quanto ele é importante para o educando, e devemos sempre alfabetizar letrando.

Os professores devem não se apenas professores alfabetizadores, mas também professores letrador, mas o professor letrador deve investigar as práticas sociais que fazem parte do cotidiano de seus alunos e adequá-los à sala de aula, e aos conteúdos a serem trabalhados.

Planejar suas ações visando ensinar para que serve a linguagem escrita e como o aluno poderá utilizá-la, mostrar aos alunos interpretações e produções de diferentes gêneros de textos, habilidades de leitura e escrita que funcionem dentro da sociedade.

Levar o aluno a praticar socialmente a leitura e escrita, de forma criativa, descobridora e crítica e autônoma, já que a linguagem é interação e que requer a participação dos sujeitos sociais que a utilizam.

A escola apresenta sérias dificuldades para lidar com a diversidade cultural, lingüística e mesmo étnica da população brasileira.

É preciso não ter medo do método diante do assustador fracasso na área da alfabetização, e considerando as condições atuais de formação do professor-alfabetizador, em nosso país, estamos, sim, em busca de um método que tenhamos a coragem de afirmá-lo (SOARES, 2003, p.95).

## **Construtivismo e Método fônico.**

A decisão do Ministério da Educação de rever os métodos de alfabetização propostos nos PCNs ( Parâmetros Curriculares Nacionais) reavivou um debate entre os construtivistas e os defensores do método fônico.

O método fônico baseia-se no aprendizado da associação entre grafemas e fonemas (som e letra) e usa textos produzidos especificamente para a alfabetização.

O construtivismo não prioriza essa associação e trabalha com textos que já façam parte do universo infantil.

Baseados em pesquisas de ponta, documentos oficiais franceses, ingleses e americanos defendem a alfabetização fônica e condenam as praticas construtivistas como nocivas à aprendizagem. Declaram que seus alunos, sob o construtivismo, amargaram mais de uma década de mediocridade, e só prosperaram com o fônico. Entre 1995 e 1997, quando o mundo civilizado condenava o construtivismo como nessa juventude, o Brasil, na contramão, o entronizava nos PCNs em alfabetização.

O resultado dessa aposta cega foi imediato, com fracasso crescente documentado bianualmente pelo Saeb ( Sistema de Avaliação da Educação Básica) de 1995 a 2003, com a vergonha internacional, ficando com vice-recordista mundial de incompetência, segundo testes da Unesco e da OCDE em 2003.

Fernando Capovilla, 2003 defende o método fônico e ressalta que sua utilização causou um grande número de repetência. E que o método aplicado no Brasil antes dos anos 80 não era o fônico, mas o alfabético silábico, baseado no ensino repetitivo de sílabas, não tendo nada haver com o método fônico baseado no ensino dinâmico do código alfabético.

E diz que o método fônico é inteligente, lúdico e nada mecânico. Leva as crianças a serem alfabetizadas muito bem em quatro ou seis meses, quando passam a ler textos cada vez mais complexos e variados. Ele é tão eficaz em produzir compreensão e produção de textos porque, de modo sistemático e lúdico, fortalece o raciocínio e a inteligência verbal. Segundo dados de Saeb, OCDE e Unesco é o construtivismo que reinou absoluto e fracassou aqui e no

resto do mundo. Ele tem produzido evasão e repetência escolar anuais de mais de 20%. No Brasil, entanto para mascarar a repetência, rebaixaram-se os critérios de aprovação obrigando as escolas a aprovar 60% dos alunos descobertos depois pelo Saeb como absolutamente incompetentes.

A minha pergunta é porque em países desenvolvidos não são utilizados o método do construtivismo e sim outros entre eles o método fônico? Se observarmos os métodos adotados em outros países os que adotaram o construtivismo o associam ao método fônico.

A aplicação sistemática do método fônico produz benefício em estudantes do jardim de infância à sexta série (acima disso ficou comprovado que a técnica pouco acrescenta aos estudantes) e para criança em geral com dificuldades de leitura. Estudos comprovam que o desempenho dos alunos é pior em classes que usam menos o método fônico.

Alunos que foram alfabetizados pelo método fônico demonstram melhor capacidade para codificar textos e ler em voz alta. O sistema de avaliação, o Saeb, mostra que o desempenho dos estudantes da rede pública, que já não era dos melhores, está piorando. Esses indicadores educacionais, nos próximos anos, vão engrossar as fileiras de trabalhadores sem qualificação, desempregados e sem perspectivas sociais.

O fracasso das sucessivas tentativas do governo federal em superar essa deficiência é um desafio já resolvido em muitos países desenvolvidos. No Brasil, a polêmica pode estar apenas começando e dentro das carências estruturais típicas de um cenário de subdesenvolvimento parte da culpa pode estar no método de ensino e na sua falta de adequação à realidade socioeconômica do país.

O conceito preconiza que é preciso levar em conta a bagagem cultural que a criança trás consigo antes de entrar na escola. O construtivismo consiste em apresentar o mundo letrado ao aluno, diretamente por meio de textos, mesmo antes que seja capaz de decodificar cada palavra.

Fernando Capovilla afirma que o construtivismo condena as crianças de classes menos favorecidas ao fracasso escolar. Além de questionar a validade da concepção usada no Brasil, ele é um dos mais ferrenhos defensores do emprego do método fônico. Que é um método taxado de antiquado por educadores ligados ao Ministério da Educação. O método fônico prevê o

básico: que é ensinar às crianças a correspondência entre sons (fonemas) e letra (grafemas), justamente o que o construtivismo não prevê.

Abandonar o construtivismo não é uma solução, mas é preciso rever alguns pontos. “em certos momentos, é preciso trabalhar com o método fônico, e em outros com o método silábico, mais adequado. É fundamental para conhecer o processo de aprendizagem e a real situação do aluno.

Eu tenho trabalhado com meus alunos o método fônico, principalmente com as crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem e este tem sido bastante eficiente. Paralelamente às atividades específicas proponho atividades lúdicas que despertem o interesse pela escrita. Não vejo o porquê de esta metodologia trazer prejuízos, ou desencadear dificuldades de aprendizagem. Creio que as metodologia/técnicas estão a serviço dos profissionais cabendo a nós utilizá-las de maneira consciente e refletindo em torno dos resultados alcançados. Num momento em que tanto se fala em interacionismo, cabe-nos refletir realmente no que significa uma prática aí assentada. Ser interacionista implica em "escutar" o outro. Isso que dizer que nem todos aprendem de uma mesma maneira, isto é, algumas crianças podem ser beneficiadas por uma metodologia enquanto outras necessitam de outros. Trabalho dentro de uma perspectiva discursiva, acreditando que a abordagem interacionista me permite olhar para os sujeitos de uma maneira singular.

## Revolução conservadora

Como prova do fracasso do construtivismo entre os alunos de classe mais baixa, uma escola da periferia de Marília, interior de São Paulo, a escola Municipal Fundamental Professor Nelson Gabaldi, era um retrato do fracasso do ensino público. Há dois anos, de uma turma de quarenta alunos matriculados na quarta série, dez não sabiam ler e escrever.<sup>4</sup>

Na primeira série era pior: metade dos alunos terminava o ano sem estar alfabetizada. Lá não se aplica o construtivismo de jeito nenhum. O sistema dá certo para os alunos ricos, não para as crianças da periferia, que não têm acesso a livros diz a diretora da escola Ilza Seabra.

A escola com 650 alunos passou a empregar o método fônico e, segundo a direção e os professores, está conseguindo alfabetizar os alunos, a Secretaria de Educação adota a linha construtivista, mas deu a escola uma espécie de liberdade vigiada para mudar a tática e deu certo.

Para corrigir as deficiências dos alunos, foi preciso realfabetizá-los, pegaram todos os alunos de todas as séries que não sabiam ler e recomeçaram do zero com a utilização do método fônico. A professora Pedra Bertazzi de Camargo, da quarta série, diz que acompanhou na escola crianças alfabetizadas pelo construtivismo e pelo método fônico e notou que a diferença é grande, hoje apenas dois alunos entre quarenta não sabem ler e escrever adequadamente, média cinco vezes menor do que há dois anos.

A professora da primeira série Ana Cláudia de Souza, vai mais longe disse ter trabalhado a concepção construtivista ao entrar na escola por acreditar na proposta, mas depois que passou a usar o método fônico viu o resultado, e percebeu o mau que tinha feito aos seus alunos.

---

<sup>4</sup> <sup>9</sup>Fonte: revista Educação nº244 - Agosto de 2001.

## Países e métodos utilizados<sup>5</sup>

### **Brasil:** Construtivismo

Concepção que se apóia no conhecimento adquirido pelo aluno antes de ingressar na escola. O texto escrito é à base do programa de alfabetização. A criança é incentivada a ler desde o começo e a reconhecer palavras que fazem parte do seu cotidiano. Não está associada a outras técnicas de ensino.

### **Itália:** Método misto

Desde 1995, o país deixou de adotar apenas um método de ensino e passou a empregar uma concepção chamada de natural. O sistema italiano trabalha simultaneamente com instrução fônica, técnicas visuais e leva em conta também a experiência prática da criança a partir dos 6 anos de idade.

### **Israel:** Método fônico

A maioria das escolas israelenses utiliza material didático que se apóia no ensino da relação entre sons e letras. No entanto, muitas são as escolas que usam ao mesmo tempo métodos alinhados à concepção construtivista.

### **Inglaterra:** Método fônico

O sistema de ensino inglês defende que a criança não aprende a ler simplesmente sendo colocada em contato com textos, sem a introdução de conhecimentos fônicos. O método prevê passos: primeiro a criança aprende a associar sons e letras, passa para o aprendizado de palavras e sentenças, para depois ter contato com textos integrais.

### **Alemanha:** Método misto

Os estudantes têm liberdade para opinar sobre as ferramentas que serão utilizadas e não há um método fixo. O método fônico, baseado num conjunto de cartões em que são associadas letras a imagens, é aplicado nas séries iniciais. Até que a criança esteja apta a decodificar um texto, a leitura é sempre feita com a ajuda desse sistema.

---

<sup>5</sup> O ABC das correntes de ensino. <http://www.eeibougainville.com.br/saibamais.html>

**Chile:** Método holístico

O modelo utiliza o método fônico, mas não parte dos sons das letras isoladamente e sim das sílabas. O ensino baseado nos fonemas vem diretamente associado à compreensão do texto escrito, como forma de estímulo à leitura.

**Espanha:** Construtivismo

As escolas espanholas partem do princípio que o texto integral deve ser usado desde o início da alfabetização e que a bagagem das crianças deve ser considerada. No entanto, as escolas utilizam diversos métodos, entre eles o fônico, para melhorar o desempenho dos alunos na compreensão de textos.

**Portugal:** Construtivismo

exemplo da Espanha, Portugal também adota a concepção construtivista, tendo o texto como ponto de partida na alfabetização, sem deixar de lado o método fônico e cartilhas didáticas.

## Questões Políticas que desafiam as escolas

As disciplinas do Proesf fizeram valer de reflexões, no que se refere ao sistema educacional, e que as crises educacionais não são problemas desta década, e sim de várias.

As disciplinas de Política Educacional, Planejamento e Gestão escolar e Reformas Educativas e Avaliação, fizeram-me perceber que o fracasso escolar arrasta-se por anos a fio e nós professores somos também “cobaias” destas experiências e transformações.

No decorrer dos anos (...) Ao longo dos séculos, a escola tem passado por transformações significativas na tentativa de se adequar às necessidades de uma sociedade cada vez mais exigente e veloz em suas mudanças e inovações.

No período que abrange as três últimas décadas do século XX, a crise do Estado, o questionamento de seu papel e sua reforma constituem elementos de grande relevância no contexto político brasileiro, uma vez que interferem profundamente nas diretrizes políticas, econômicas e sociais do país. Especificamente quanto à Educação, as políticas implementadas acabam por refletir este contexto de reforma. Aqui serão apresentadas perspectivas sobre a relação Estado e Educação.

Nas últimas três décadas do século XX ocorreram profundas transformações no mundo, nos planos econômico, político, cultural e social. Uma das principais mudanças refere-se ao papel do Estado-Nação, que, na sociedade global, não só é redefinido, mas perde algumas de suas prerrogativas econômicas, políticas, culturais e sociais, debilitando-se. No Brasil, em especial a partir da década de 80, ocorre uma situação comumente designada como “crise do Estado”. Esta expressão é utilizada muitas vezes sob um falso consenso, por reunir sob o mesmo título diversas crises simultâneas: a) a fiscal, entendida como o excesso de gasto público social; b) a econômica, visando a um Estado regulador, indutor, coordenador e mobilizador dos agentes econômicos e sociais; c) a social, com a crise do Estado de Bem-Estar Social; d) a política, questionando-se a incapacidade de institucionalizar a democracia e prover uma cidadania adequada; e) a crise do modelo

burocrático de gestão pública, tendo em vista os elevados custos e a baixa qualidade dos serviços prestados pelo Estado. A crise do Estado será entendida como uma crise estrutural, convergência de crises simultâneas que levam à discussão sobre o papel do Estado, sob diferentes aspectos.

Cada perspectiva da crise do Estado vem impregnada de um entendimento específico sobre quais são os principais problemas e sobre o que fazer para que ocorra uma redefinição do papel ideal do Estado, suficiente para superar os problemas indicados. O possível consenso seria quanto ao que se deveria esperar de uma reforma estatal: que ela permitisse ao Estado desenvolver a capacidade administrativa, no sentido de melhorar o desempenho público e a qualidade dos serviços dirigidos às necessidades públicas.

Bresser Pereira (2001), analisando as concepções e perspectivas teóricas da reforma do Estado, presentes na literatura, destaca a heterogeneidade de respostas à questão de como reconstruir o Estado no sentido de melhor capacitá-lo a intervir e implementar as políticas econômicas, manter a ordem pública e oferecer serviços sociais com boa qualidade, e indica quatro principais abordagens teóricas da reforma do Estado: a neoliberal, a sociologia institucional, a escolha racional e o modelo principal-agente, caracterizando-as.

Especificamente quanto ao caso brasileiro, Barreto (1999), a partir de análise do Plano Diretor da Reforma do Aparelho do Estado, indica a conjugação de quatro processos interdependentes, a saber: a redefinição das funções do Estado, a redução de seu grau de interferência, o aumento da governança e da governabilidade. O aparelho de Estado é entendido como compreendendo quatro setores de atuação: 1) o núcleo estratégico, 2) as atividades exclusivas do Estado, 3) os serviços não-exclusivos do Estado e 4) a produção de bens para o mercado. A atuação direta do governo fica restrita aos dois primeiros. Nos dois últimos setores – entre os quais está a Educação-, o Estado tem uma atuação indireta na sua promoção e financiamento, parcial ou totalmente.

Pode-se inferir, pelas características que Pereira indica e pelas que Barreto descreve que o processo de reforma do Estado que vem sendo desenvolvido no Brasil volta-se para as características do modelo neoliberal.

Devido à prioridade que este modelo imprime à questão econômica, as principais críticas que lhe são feitas referem-se às suas conseqüências no campo social. Mais especificamente, as críticas voltam-se aos seus efeitos negativos sobre o Estado de Bem-Estar Social.

No Brasil, aquelas áreas tradicionalmente atendidas e consideradas como parte do Estado de Bem-Estar Social, entre as quais a Educação, são diretamente afetadas pela crise. Segundo Azevedo (2000:17), a Educação no Brasil "se constitui como um setor que se tornou alvo das políticas públicas, em estreita articulação com as características que moldaram o seu processo de modernização e desenvolvimento".

## O desafio de mudar

O desenvolvimento de uma consciência crítica, que permite ao homem transformar a realidade, é cada vez mais urgente. Na medida em que os homens, dentro da sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão também fazendo história, por sua própria atividade criadora.

(Freire, 1981 p. 52)

### **Quando o ambiente de trabalho prejudica o desenvolvimento profissional do professor**

Às vezes tem-se a sensação de que qualquer esforço que se faça representa muito pouco no sentido de transformar a escola onde se trabalha. Neste artigo, “Corrigindo rumos. Mudar para melhorar: pequenos passos rumo ao êxito para todos”. O autor Mioch (1993) discute a dificuldade das escolas em mudar, em romper o isolamento do professor, para que ele tenha mais oportunidades de se atualizar; da não percepção do professor dos resultados de seu esforço; da falta de trabalho coletivo; entre outros pontos discutidos. O artigo traz, assim, uma reflexão dos aspectos relevantes ligados à prática do professor em sala de aula e da articulação da equipe escolar, que auxilia a compreender as dificuldades que os professores têm em aperfeiçoar sua atuação.

Até parece hipocrisia, mas o ambiente de trabalho é fundamental para o desenvolvimento profissional, voltando a falar minha história de vida, digo o quanto era mal recebida pela equipe escolar, quando era professora substituta. Quero deixar aqui registrado, que muitas equipes pedagógicas precisam passar por uma reciclagem e aprender que um espaço escolar não se faz

apenas por alunos, que nesse espaço tem pessoas importantes, desde o professor até a faxineira da escola.

Após leitura do texto de Mioch, 1993 pude perceber essa importância e relacionei a minha prática e notei o quanto o ambiente escolar interfere no trabalho do professor, o quanto serve de estímulo.

Vou citar aqui um exemplo vivido por mim, trabalhei em uma escola que não citarei o nome por discrição, foi o primeiro ano que trabalhei o ano inteiro com a classe, a diretora, vice-diretora, coordenadora, e professores me receberam tão bem, que me sentia feliz neste espaço, a equipe me apresentou à todos, me mostrou a escola inteira, essa equipe fez a diferença em minha vida profissional, meu trabalho nessa escola não teria dado tão certo se não tivesse esse acolhimento. “Detalhe até os professores substitutos nessa equipe eram bem recebidos”.

A equipe desta escola todo o momento demonstra o quanto nós professores somos importantes naquele espaço, à coordenadora sempre estimula o nosso trabalho, querendo mostrar para o restante da equipe, ao olhar nosso semanário, fazendo críticas construtivas, e se tem algo que não está de acordo mostra o caminho, sempre está fazendo elogios sobre os trabalhos, isso é o estímulo que o professor necessita.

Numa segunda situação, também assumi a classe até o final do ano nessa escola, fui mal recebida pela equipe pedagógica, os professores me receberam bem, pois sabem a falta de calor humano da equipe, assim como eu. Não me sinto bem na escola, não encontro apoio aos problemas por mim vividos, eu sou outra profissional, não tenho vontade de ir trabalhar, mas penso que meus alunos por mais indisciplinados que sejam, por todos os problemas de aprendizagem que apresentam, eles não tem culpa do meu desinteresse, sorte que penso assim e quando os outros não pensam? O trabalho vai por “água abaixo”.

<sup>11</sup>Pegando o gancho do autor Mioch, ele fala muito em seu texto sobre a importância do ambiente de trabalho e após essas leituras oferecidas pelo Proesf, pude perceber o quanto faz a diferença. Existem dois perspectivas a primeira é o aspecto ligado a prática docente em sala de aula, a outra é o enfoque relativos ao funcionamento da equipe escolar.

## **Atividade do docente é solitária**

Concordo plenamente com a fala do autor, alguns professores prezam por sua “independência”, por acharem que seu trabalho é apenas o de dar aula e que está sempre sozinho junto a seus alunos. Realmente a sala de aula é seu território, mas é preciso perceber que não se está sozinho, e sim junto a uma equipe.

Nas escolas onde se consegue romper o isolamento do professor, este tem mais oportunidades de aperfeiçoar-se enquanto ser humano e profissional  
(Mioch, 1993)

Uma desvantagem de trabalhar em educação é que dificilmente o professor consegue perceber: uma relação direta entre a energia que dispense nas aulas e os resultados visíveis obtidos.

A rotina também é muito importante dentro de uma escola e não pode deixar de estar a serviço do trabalho docente e o próprio fazer pedagógico vira rotina. O professor tem que saber a hora de interrogar sobre a escolha de determinada abordagem didática ou sobre os motivos que o levam a reagir de certa maneira diante determinado aluno e a boa equipe tem que estar preparada para aceitar e apoiar esse professor.

“A liderança do diretor é imprescindível para romper o isolamento e fazer, de um grupo disperso de professores e funcionários, uma equipe de trabalho”.

( Mioch, 1993)

Resumindo algumas equipes escolares, precisam aprender a demonstrar a importância, reconhecer o desempenho dos professores, alguns professores, também precisam aprender a trabalhar em equipe e perceber que nossa profissão não é isolada, precisa aprender a dividir seus sucessos e insucessos.

A equipe pedagógica em geral e o corpo docente precisam estar preparados a conviver com diferentes idéias, com diferentes abordagens pedagógicas, precisam aprender a ouvir o colega e aceitar certas opiniões que nem sempre contradizem a sua prática.

A escola e a equipe precisam ter claro qual é a identidade da escola: aquilo que a distingue de todas as outras, garantindo o êxito dos alunos. E perceber que os professores não são movidos à força de leis, decretos ou programas, os professores precisam “aprender”, discutir entre si e com outros o rumo de sua escola.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A alfabetização é um processo que se inicia muito antes da entrada na escola, pelas leituras que o sujeito faz do mundo que o rodeia e através das diferentes formas de interação que estabelece. Por ignorar quem a criança é, a escola exige dela o que não tem, considerando naturais coisas que para ela são desconhecidas. A reprovação e, por consequência a repetência têm significado a reiteração da “não-aprendizagem” dos alunos. Repetir a mesma série, via de regra, resulta na repetição da experiência de insucesso, pois o ponto de partida na série repetida não é determinado pelo grau de conhecimento atingido até então pelo aluno, mas pelo currículo preestabelecido pela escola. Sem a “piedade” que descompromete e sem o autoritarismo que anula, o professor comprometido com a aprendizagem do aluno é capaz de ajudá-lo a resgatar-se, ajudá-lo a superar-se cognitivamente e a avançar em direção ao saber que a escola precisa social

(Moll, 1996)

Após essa pesquisa deixo minhas incertezas e inseguranças com relação ao método construtivista, pude melhor entendê-lo e perceber a sua real intenção com relação e educação do Brasil, sinto, um descaso escancarado por parte governamental e da política educacional, que se arrasta há anos, me preocupa a situação em que se encontram os alunos brasileiros, e temo com relação a esses futuros cidadãos.

O meu olhar já não é de uma professora tradicional, mas também não é de uma professora construtivista, não enquanto lecionar para a classe popular, pois sei que o método construtivista para eles não funcionará e não farei como muitos de meus colegas de trabalho “não fecharei os olhos para os problemas sociais por qual passa o meu país”. E que a muito não deixa de passar.

O nosso país precisa acordar para uma reforma educacional justa, de qualidade e de acordo com a situação atual vivida por nossa população, economicamente falando, precisamos seguir exemplos de outros países que adotaram o método construtivista e perceberam a sua ineficiência e o atraso na educação. Esses países mostram de fato preocupação com relação à educação.

O sistema educacional é cercado por interesses políticos e governamentais “as verbas destinadas à educação no Brasil, só existem por que há interesses. Combater a evasão escolar não é jogar alunos na escola em troca de um benefício, como o “bolsa família”, pois já se sabe que muitas

famílias só mandam seu filhos à escola em busca desse, quando na verdade os interesses deveriam ser outros. É preciso combater a evasão com qualidade e com o objetivo de formar-se realmente cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres.

É preciso também um trabalho social para essas famílias, fazê-los entender de fato a real importância dos estudos, para a vida de seus filhos, e que a educação não é um favor do Estado e sim uma obrigação e que o maior contribuinte, para esse benefício é a população.

Precisamos de fato descruzar os braços e lutarmos por uma educação justa e de qualidade para “todos”, já que é obrigação do estado garantir esse direito, é preciso perceber que educação não é mercadoria e que nossos alunos não são cobaias. E que formar cidadão crítico, é mostrar de fato a realidade social, e tudo que a cerca.

É preciso investimento nos professores, não apenas na parte salarial, mas também investir em valorização deste tão importante papel para a sociedade, investir na auto-estima, na qualificação, rever alguns cursos que estão espalhados por diversas instituições de ensino. Pois se fala muito no aluno e pouco nos professores. É preciso formar “Professores críticos” e argumentador de seus direitos e obrigações.

As escolas precisam ter autonomia de decisão e utilizar a flexibilidade para adotar outros métodos e perceber o que realmente funciona, naquela clientela. Não deixar nenhum aluno para trás, fazer as recuperações no início do problema e não deixá-las para o final do ano, quando já não se tem mais solução.

Iniciei minha prática pedagógica, juntamente com o meu curso de pedagogia, do Proesf e com ele aprendi a não fechar os olhos para a realidade da qual faço parte, não seguirei um modismo por medo de não ser aceita perante a sociedade, farei o trabalho que acho que se enquadra à minha turma e buscarei sempre saída e soluções para esse problema educacional.

Após minha passagem pela Unicamp, aprendi que um bom professor é aquele que luta por uma educação justa e de qualidade, aquele que de fato sabe por quais problemas o nosso país passa num contexto geral. E aprendi que o ser humano está em constante transformação, e devemos estar abertos

para as mudanças, mas não precisamos aceitá-las se não estão funcionando e se não condizem à nossa realidade.

Encerro meu trabalho com um trecho do texto “avaliação educacional: regulação e emancipação”, quando diz que as (...) as reformas educativas são também entendidas como tentativas de resolução dos dilemas que o Estado moderno enfrenta, devido, nomeadamente, a uma acentuada e crescente crise fiscal que, ao tender mais duradoura ou permanente, contribui para tornar mais evidentes os problemas normais do Estado às exigências contraditórias decorrentes dos processos de acumulação e de legitimação.

Nestas circunstâncias, as políticas de reformas (com a retórica que lhe é peculiar) tende a gerar sistematicamente novas expectativas e necessidades, as quais, frequentemente, acabam por não poder ser realizadas dada, precisamente, a capacidade altamente limitada do Estado capitalista para levar por diante mudanças efetivas. (ef. Weiler, 1983)

O construtivismo não está perdido. Ele poderá ser facilmente encontrado nas esquinas do comprometimento com a educação, nas lojas de responsabilidade, nas vitrines da paciência, nas avenidas de um olhar atencioso e nas escolas que já superaram o modelo tradicional e passaram a acreditar nesta nova, embora não tão nova possibilidade de fazer educação, sem que o aluno seja visto como o único responsável por seu fracasso escolar.

(Sampaio, 2003)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AGUIAR, Márcia A.S. *Gestão da educação*. São Paulo: Cortez, 2000.
- AZEVEDO, Janete M.L. O Estado, a política educacional e a regulação do setor Educação no Brasil: uma abordagem histórica. In: FERREIRA, Naura S.C e AGUIAR, Márcia A.S. *Gestão da educação*. São Paulo: Cortez, 2000.
- BARRETO, Maria I. As organizações sociais na reforma do Estado brasileiro. In: PEREIRA, Luiz C. B. e GRAU, Nuria C. (Orgs.). *O público não-estatal na reforma do Estado*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.
- BECKER, Fernando. A epistemologia do professor: o cotidiano escolar. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 1993
- BECKER, Fernando. O que é construtivismo? In; Borja, América de et al. *Construtivismo em revista*. São Paulo: FDE, 1993. P. 87-93 (Série idéias, 20).
- CAPOVILLA, Alessandra, CAPOVILLA, Fernando César. *Alfabetização método fônico* São Paulo: Memnon, 2003.
- CASTORINA, J.A. Piaget - Vygotsky: novas contribuições para o debate. Trad. Claudia Schilling. São Paulo: Ática, 1995.
- COLL, César. Um marco de referência psicológico para a educação escolar: a concepção construtivista da aprendizagem e do ensino. In: COLL, C., PALACIOS, J., MARCHESI, A. (Org.). *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996. v 2.
- COLL, César. et. Al. *O Construtivismo na sala de aula*. São Paulo: Ática, 1998.
- FERREIRA, Emilia. *Reflexão sobre alfabetização*. São Paulo: Cortez/autores associados, 1985.
- FREIRE, Paulo; DONALDO, Macedo. *Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.
- KAUFMAN, Ana Maria. *Alfabetização de crianças: construindo e intercâmbio experiências pedagógicas na educação infantil e no ensino fundamental/ Ana Maria Kaufmam, Mirta Castedo, Lilia Tereggi e Claudia Molinari; trad. Carolina Burnier*. 7. ed. – Porto Alegre: arte médica. 1998.
- MOLL, Jaqueline. *Alfabetização possível: reinventando o ensinar e o aprender*, Porto Alegre. Mediação 1996.

MIOCH, Robert. Publicação: Artigo da publicação Educação Paulista: Corrigindo rumos. Mudar para melhorar: pequenos passos rumo ao êxito para todos. São Paulo: SE/APS, 1997. Páginas: 24-31.

OLIVEIRA, João Batista Araújo. Aprender e ensinar. São Paulo: global, 2001. 394p

OLIVEIRA, João Batista Araújo. ABC da alfabetização. Belo Horizonte: alfaeducativa, 2002

PEREIRA, Luiz C. B. Gestão do setor público: estratégia e estrutura para um novo Estado. In: PEREIRA, Luiz C. B e SPINK, Peter (orgs). *Reforma do Estado e administração pública gerencial*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

SAVIANI, Demerval. Neoliberalismo ou pós-liberalismo? Educação pública, Crise do Estado e democracia na América Latina. In: VELLOSO, J., MELLO, G.N., WACHOWICKZ, L. e outros.

*Estado e Educação*. Campinas, SP: Papirus: Cedes: SP: Ande: Anped, 1992. (Coletânea CBE).

SOARES, Magda Becker e MACIEL, Francisca. Alfabetização. Brasília: MEC/ Inep/comped, 2000. (Série Estado do Conhecimento)

SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2ªed. 6ª reimpr. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Letramento e alfabetização*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

Wilma Motta foi presidente do Secretariado Estadual e vice-presidente Nacional do PSDB - Mulher. Atualmente, é membro da Executiva Nacional do partido, onde integra a Comissão de Ética, e é vice-presidente do Instituto Sérgio Motta.

**Fontes:**

Jornal Estado de São Paulo, 23/03/2008 (reportagem de Lisandra Paraguassú)

Jornal Folha de São Paulo, entrevista da 2º, pág. A 12 (Antonio Góis da sucursal do Rio). Debate de Telma Weisz e Fernando Capovilla, decisão do MEC de rever os métodos de alfabetização abre uma fonte entre as duas correntes “construtivismo x método fônico”.

Revista nova escola, edição 210 - Março/2008.

Revista nova escola, edição 163 - junho/2003.

Revista Veja edição 2048 – ano 41 – nº. 7 20 de fevereiro de 2008, pág. 66 a 69.

<http://www.diarioon.com.br/arquivo/4439/colunas/coluna-2357.htm>

<http://www.mec.gov.br>

<http://www.crmariocovas.sp.gov.br>

<http://www.efareport.unesco.org> Programa educação para todos da Unesco

<http://www.ipm.org.br> Resultados do índice Nacional de Analfabetismo Funcional (Inaf) de 2007.

**Publicação:** Artigo da publicação Educação Paulista: Corrigindo rumos. Mudar para melhorar: pequenos passos rumo ao êxito para todos. São Paulo: SE/APS, 1997. **Páginas:** 24-31.